



RESURREXIT.

Annuntiate hoc in universa terra:

Que foi feito das antigas philosophias? Recuaram vencidas ante a maxima sublime do amor de Deus e do proximo ensinada pelo Christo. Onde está hoje o fulgor d'esses celebrados nomes com que o paganismo por tantos seculos se ufanou? Eclipsou-se ante o esplendor do nome de Jesus! Qual sellou mais nobremente a proclamada doutrina com mais generoso sacrificio? Nenhum. A verdade, divina na sua essencia, carecia tambem de um poder divino para se revelar. Esse poder baixou á terra encarnado na figura mais enobrecida da criação — o homem, — que o Omnipotente havia formado á sua imagem e similhaça!

A creatura humana, saida expressamente da

mão de Deus para o glorificar; animada pelo seu sopro divino afim de se elevar á preeminencia de rei da criação, foi glorificada pelo sacrificio augusto da Redempção. Havia sido creada immortal, e pelo peccado entrava na duvida d'esta graça da sua criação. Era preciso um grande exemplo que autorisasse a doutrina, e o Lazaro foi evocado á campa, e os incredulos confessaram a evidencia que não podiam negar. Passaram então as duvidas da doutrina para a pessoa que a proclamava, e negaram áquelle que assim imperava sobre a morte, que a si proprio se podesse eximir d'ella. «Oh morte! eu serei a tua morte; oh inferno! eu serei a tua ruina,» havia dito a propheta pela bocca de Ozéas. Resuscitarei ao terceiro dia, tinha repetido o Chris-

ABRIL, 18, 1857.

to; e os homens, allucinados, haviam sellado o sepulchro de Jesus, guardando-o com soldados, para que o corpo não fosse arrebatado pelos discipulos, e a impostura se não impozesse á verdade annunciando uma resurreição que não existia! Esta mesma guarda, porém, esta mesma vigilancia era precisa para testemunho do milagre entre os incredulos, que não poderam deixar de exclamar, confundidos pela evidencia: — «*Este homem era na verdade o Filho de Deus!*»

Tal é o assumpto que representa a nossa gravura. N'este momento solemne da resurreição, a humanidade folga, remida das cadêas do peccado. Regenerou-se por este modo a face da terra; os anjos e os santos entoaram a *Alleluia!* e nós os homens, abraçando-nos como irmãos, felicitamo-nos reciprocamente por tão augusta e solemne festa! Assim tambem vol-a desejamos, leitor, venturosa e feliz. ***

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL.

CARTA XXII.

VISITA AOS CONVENTOS DA SERRA. SCENAS DA COSTA MARITIMA.

Continuação. *

19 de Setembro de 1787.

Nunca tive um dia mais formoso, nem vi um ceo de azul mais aprazivel. Os marquezes já estavam comigo ás seis horas e meia, e divagámos por viteiros incultos, sobranceiros a uma grande extensão de paiz aparentemente deserto, porque os logarejos, onde os ha, estão escondidos nas quebradas e covas da serra.

Intentando explorar as montanhas de Cintra de um a outro extremo da cordilheira, collocámos mudas em differentes estações. O nosso primeiro objecto foi o convento de Nossa Senhora da Pena, pequeno e romantico conjunto de edificios branqueados, que eu tinha visto brilhar de longe a primeira vez que naveguei pela costa de Lisboa. D'esta pyramidal altura o horisonte é infinito; vêdes, logo immediatamente abaixo, immensa expansão de mar, o vasto, illimitado Atlantico. Uma longa serie de nuvens soltas, de alvura deslumbrante, tambem abaixo de nós suspensas sobre as ondas, produzem effeito magico, e nos tempos do paganismo pareceriam, sem esforço algum da phantasia, os carros das deidades maritimas que viessem surgindo da profundidade do seu elemento.

Não havia coisa verdadeiramente interessante nos objectos que proximamente nos cercavam. As reliquias moiriscas das circunvisinhanças do convento apenas merecem menção, e de facto mostram não pertencerem a edificio algum con-

sideravel; foram provavelmente fabricadas com as dilapidações feitas a um templo romano, cujos constructores talvez que tambem se tivessem aproveitado de algum fano (egreja) punico ou tyrio erecto n'este sitio elevado, e denegrido pelo fumo de sacrificios horriveis.

Por entre as ráchas dos muros esbroados e particularmente na abobada de uma cisterna, que indica ter servido tanto para deposito como para banho, descobri algumas plantas capillares e polypodios de estremada delicadeza, e n'uma pequena chã defronte do convento numerosa tribu de cravos, gencianas e outras plantas alpinas, agitadas e robustecidas pelo ar puro das montanhas. Estas brisas refrigerantes, impregnadas do perfume de innumeraveiservas aromaticas e flores, parece que me infundiam nas veias nova vida, movendo-me por um impulso quasi irresistivel a prostrar-me e adorar n'este vasto templo da natureza a fonte e a causa da existencia.

Como estivemos largo espaço em contemplação, não pude passar metade do tempo que eu desejava n'esta aeria e solitaria summidade. Baixando por um caminho soffrivelmente commodo, que serpêa entre as rochas em muitas e irregulares curvas, seguimos por algumas milhas um trilho estreito sobre os cumes de eminencias maninhas e agrestes até ao convento da cortiça (1), que corresponde exactamente, no primeiro relance d'olhos, á pintura que se pode imaginar da vivenda de Robinson Crusóe. Da banda de fora da entrada, que formam dois enormes rochedos proeminentes que se tocam pelos cimos, estende-se um macio terreirinho de relva tosada pelo gado, cujos tintinnabulos me recordaram antigos dias decorridos em meio da rustica paisagem dos Alpes. O eremiterio e suas cellas, a capella, o refeitório, tudo é cavado no marmore nativo, e guarnecido de cortiça de sobreiro; em muitas partes não é só o forro do tecto, mas tambem o soalho recamado do mesmo material, extremamente macio e agradavel ao piso. Os arbustos e as plantas de jardinagem dispersos entre as rochas musgosas que jazem na mais silvestre desordem, são coisa deleitosa, e muito gostei de explorar aquelles recantos e voltas seguindo o curso de um regato transparente e rumorejante, que é conduzido por um canal rustico atravez de moitas de alfazema e alecrim do verde mais mimoso.

O guardião d'este romantico retiro é apresentado pelos Marialvas (2), e n'este dia era a sua posse, de modo que tão instados fomos para o jantar que não pudemos desculpar-nos; como era ainda muito cedo cavalgámos com o intuito de ver a famosa arriba maritima chamada Pedra de Alvidrar, que é um dos objectos mais notaveis d'este famigerado promontorio. Levavamos o nosso caminho pelas beiras dos arvoredos

(1) «Cork-convent» assim chamam os inglezes o convento dos capuchos da serra.

(2) Não é exacto.

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

proximos da deleitosa villa de Collares até outra ordem de escavadas eminencias que se dilatam até a costa brava do mar. Cheguei mesmo ao pino do rochedo, que é de grandissima altura e quasi perpendicular. Seguia-nos uma tropa de rapazes alcançando os cavallos; e cinco dos mais taludos desceram com todo o desembaraço pelo temeroso precipicio; um d'elles especialmente baixava de braços abertos e como individuo de ordem superior aos mais e á natureza.

A costa maritima é o que se pode chamar pittoresco, consistindo de bojamentos muito arroçados, que se entremeiam com penedos pyramidaes uns apoz outros em perspectiva theatral, avistando-se os mais remotos coroados por uma torre mui alta, que serve de pharol.

Não ha termos que expliquem a suavidade da atmospheria, e á luz prateada que o mar reflectia. Da orla do abysmo, onde nos demorámos alguns minutos como por encantamento, desce-mos uma ladeira tortuosa, obra de meia milha, até á praia. Achamo-nos fechados por penedias desordenadas e varias grutas, amphitheatro imaginoso, que não havia nenhum mais proprio para suppor os brinquedos das nymphas neptuninas. Nunca vi angras como estas, tão fundos e interceptados esconderijos, um jogo assim da linha geral do perfil, e tambem nunca ouvi tão valente mugido das aguas que investem com a costa.

Não admira que a escandecida e susceptivel imaginação da antiguidade, enthusiasmada pela paisagem das localidades, os persuadissem a que tinham visto as conchas dos tritões resoando ao entrar nas cavernas maritimas; e por isso alguns dos mais autorizados e antigos lusitanos positivo declararam que não só os tinham ouvido, mas tambem visto, e despacharam um mensageiro ao imperador Tiberio annunciando-lhe o successo, e congratulando-o por tão evidente e auspiciosa manifestação da divindade.

A maré começava a vasar e deu-nos licença para entrar, não sem algum risco, n'uma caverna de pasmosa altura, cujos lados estavam incrustados de bellos mariscos e de uma variedade de conchinhas em varios grupos. Contra alguns asperos e porosos fragmentos, não distante da bocca por onde tinhamos engatinhado, as ondas empolavam-se violentas, arremettiam para o ar, formavam instantaneos doccis de espuma, e depois escorriam em milhares de regueiros cor da prata. As vacillantes espadanadas da luz pelas irregulares arcadas batendo nas mais sombrias e reconditas cavernas, o crepusculo mysterioso e humido, os murmurios resonantes e quasi todos os tons musicaes, occasionados pelo embate dos ventos e das aguas, o cheiro activo da atmospheria impregnada de particulas salinas, produziam tal desvario dos sentidos que eu não duvido que um genio poetico se inclinasse ali á crença das aparições sobrenaturaes. Não me espanta, por isso, a credulidade dos an-

tigos, e só me maravilha que a minha imaginação não me illudisse similhantemente. Se a solidão excitasse as nereidas a certificarem-me da sua existencia por uma appareição, não faltaria esta, porque todos os meus companheiros se haviam frasmalhado deixando-me inteiramente só; por meia hora estive secluso do mundo animado; a unica creatura viva que pude depois descortinar foi um arisco corvo marinho, empo-leirado n'uma rocha, insulada a cincoenta passos da abertura da caverna.

Os sons complicados e susurros que me entraram pelos ouvidos atordoavam-me a ponto, que estive alguns momentos sem poder distinguir as vozes de Verdeil e D. Pedro, os quaes voltavam de uma colheita de algas e conchas, chamando-me estrondosamente para montar a cavallo e reunir-nos ao marquez e sua comitiva, que todos tinham ido á missa ao conventinho da Serra. Felizmente as pequenas nuvens soltas, que tinhamos visto do cume altissimo da Pena, em vez de se fundirem no firmamento azul haviam-se condensado e nos protegiam contra o calor do sol. Foi, portanto, deliciosa a cavalgata; assim que nos apeámos appareceu-nos o abbade velho que chegava na occasião com Luiz de Miranda, coronel do regimento de Cascaes, cerca-do de todo o synodo de frades, pittorescos quanto podiam tornal-os as cabeças calvas e as barbas venerandas.

Logo que o marquez findou as suas devoções, serviu-se o jantar no gosto do que se pode esperar em Mequinez ou em Marrocos; cuscús e similhantes massas, saborosas codornizes, e pyramides de arroz córadas de açafão. A nossa sobremesa, quanto a fructas e doces, foi mais opipara; nem a propria Pomona se envergonharia de trazer no regaço pecegos e abrunhos como os que rolavam com profusão por cima da mesa.

O abbade parecia animado depois do jantar pelo espirito de contradicção, e não queria conceder que o marquez ou Luiz de Miranda soubessem mais da corte de D. João v do que da de Pharaó rei do Egipto. Para não ensurdecermos aos berros da disputa, em que dois ou tres frades com vozes de stentor começaram a metter-se com vehemencia, galgámos D. Pedro, Verdeil e eu pelas empinadas moitas de medronheiros e murtas até um terreirinho atapetado de mimosa relva, que á mais leve pressão recendia com perfumes suaves. Ali nos sentámos, acalentados pelo borborinho das ondas distantes que rebentavam na penedia da praia, que de manhã tinhamos visitado; as nuvens passavam vagarosas por cima dos oiteiros. Os meus companheiros partiam as pinhas e davam-me os pinhões, que teem agradavel sabor de amendoa.

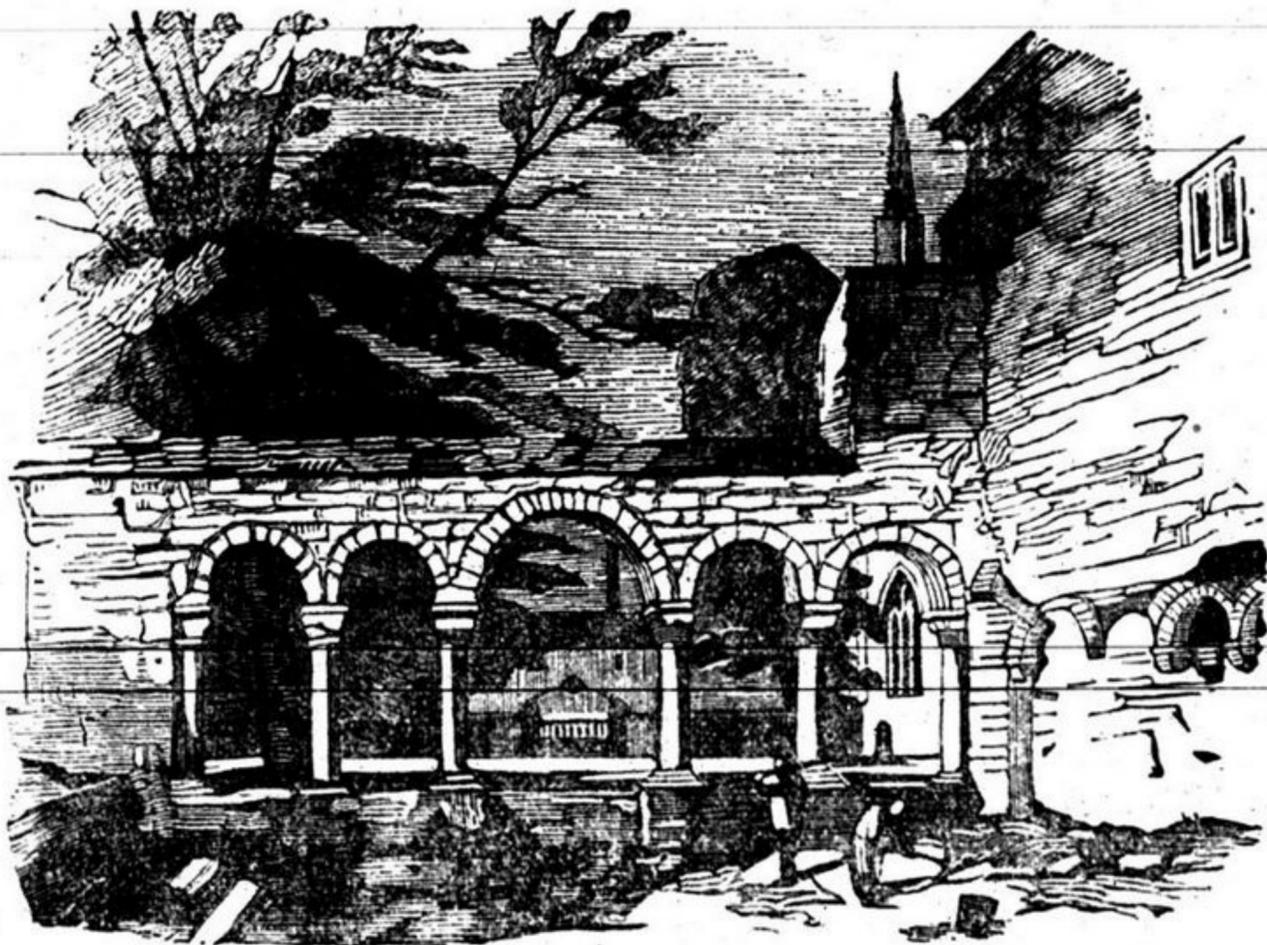
A tarde ia muito adiantada quando deixámos este pacifico retiro e fomos ter com o marquez, que não fôra capaz de accomodar o abbade; o velho vozeador appellou tantas vezes para o guardião do convento em defesa das suas opi-

niões, que eu pensei que nunca d'ali nos despegariamos. Afinal partimos, e divagando entre nevoas e trevas espaço de duas horas, chegámos exactamente ás dez a Cintra. A marqueza

e os meninos estavam inquietos com tão longa ausencia, e ralharam ao abbade por ter sido a causa.

Continua.

M.



ARCOS NORMANDOS.

Winchester, capital do condado de Southampton e distante d'este porto cinco leguas para o nordeste, foi cidade importante no tempo dos reis saxonios. Teve uma celebre abbadia de benedictinos; ainda possui um collegio onde se educam muitos estudantes e se preparam a seguir os cursos d'ensino superior na universidade de Oxford; é patria do rei Eduardo I.

A cathedral, obra antiga e primorosa, carecia de alguns reparos e arranjos que ultimamente se tem feito, e o progresso dos mesmos deu lugar a um interessante descobrimento archeologico em a cerca interior ou claustro mais recondita.

Removendo os trabalhadores o paredão que liga os aposentos do deão com o claustro escuro que em tempos antigos era passagem para a enfermaria do mosteiro, destaparam uma serie de cinco arcos macios com suas pilastras, de architectura normanda, e sendo o central de muito maiores dimensões que os outros quatro, acham-se em bom estado de conservação, e por esse do centro seguirá a comunicação que se pretendia abrir. Não ha duvida que estes arcos são resto dos sustentaculos em que se estribava a antiga casa do capitulo, que era de noventa pés quadrados, vendo-se ainda grandes porções nas paredes do claustro acima referido.

Aqui se passaram graves acontecimentos historicos. O soberbo e irreligioso rei João aqui se

humildou aos pés do arcebispo Langton para obter absolvição da sentença de excommunhão, e renovou o servil preito que d'antes rendera ao papa Innocencio III. Aqui seu filho, Henrique III pregou um sermão em forma, sobre um texto que havia escolhido, perante toda a comunidade dos monges, para resolvel-os a escolherem seu co-irmão Ethelmar para prelado. Aqui tambem, por intervenção do abbade e monges, se ajustou felizmente a fatal desintelligencia entre Henrique de Winchester e seu brioso filho e libertador Eduardo I.

Os arcos, como estão situados, debaixo de algumas formosas arvores de tilia, quando o terreno estiver amanhado e plantado de arbustos, mostrarão, vistos de diversos lados, uma apparencia bastante pittoresca.

M.

OS ALEMÃES, E A SUA MODERNA LITTERATURA.

Para prova de como se avalia em França a litteratura dos outros paizes, vamos trasladar um esboço da apreciação feita por um escriptor d'aquella nação, acerca da moderna litteratura alemã, d'essa litteratura que mostrou, em tempos não mui remotos, genios da elevação de Goethe, Schiller, Burger, Hoffmann, e tantos

outros, dignos rivaes dos melhores autores de todo o resto da Europa.

Eis em substancia o arrasado do critico francez.

Se algum futuro bibliophilo se lembrar de dirigir um olhar retrospectivo sobre a Alemanha do decimo nono seculo, enxergará ahí maior numero de pequenos livros do que de grandes homens, podendo atravessar annos e annos, como se passeasse sobre as estantes carunchosas de uma velha e extensa livraria.

A posteridade de Arminio trocou o escudo pela estante, e a aguia de duas cabeças do braço teutonico, pode vantajosamente substituir-se por um ganso.

Não me queiraes mal, caros visinhos d'além do Rheno, se esta imagem offusca a vossa gloria; ella saiu inteira de um cerebro alemão, pertence a Wolfgang Menzel.

Na verdade, a rude Germania trocou as suas armaduras de ferro pelo roupão e os pantufos; e será difficil de encontrar um fio de Ariadne, que nos ajude a descobri-la, adormecida, como está, debaixo das suas catacumbas de papel.

Deixando á Italia a sua ardente poesia, á Hespanha os seus esquecidos santos, á França as vaidades da gloria, á Inglaterra a sua fortuna commercial, a boa Alemanha bebe cerveja, fuma cachimbo, e perde a vista a ler. Não lhe disputeis a descoberta da imprensa; pois o uso que d'ella faz é tão uniforme, que não pode deixar duvida sobre a prioridade do seu direito. Passa metade da vida a sonhar; e a outra metade a pôr em ordem os productos das suas vigílias.

Esta accumulção de livros, que cresce todos os dias na Alemanha, estas muralhas descomunaes, erguidas por um povo inteiro, á maneira de uma nova Babel, este phenomeno de dez milhões de volumes, publicados todos os annos por cincoenta mil escriptores, promettem, por pouco que augmente a furia de escrever livros, uma estatistica de autores alemães, que virá a exceder muito o numero dos leitores.

De que provém isto? É que desde tempos mui remotos, os alemães eram um povo phantastico; na idade media tornaram-se mysticos; e á proporção que caminham para as modernas epocas, mais a sua organização contemplativa se encerra nas regiões da intelligencia.

Em nenhum outro paiz se encontram tantos systemas, opiniões, gostos e talentos diversos; tão differentes estylos no pensador e no poeta. Nenhuma regra dirige aquelles espiritos; crescem aqui e ali, como plantas agrestes, dessimilhanes na natureza e na forma; e a sua reunião na litteratura apresenta, portanto, um aspecto irregular. Fallam a mesma lingua, assim como vivem sob o mesmo ceo, mas distinguem-se uns dos outros por uma pronuncia especial. O natural os arrebatá, apesar da severa doutrina de certas escolas, que pretende extirpar esta pretendida barbarie.

A Alemanha tem pouca flexibilidade social, mas a sua individualidade é por isso mesmo mais energica; caminha livremente até ao capricho e á caricatura. O genio rompe todos os diques; e o espirito da mãe-patria predomina mesmo entre o vulgo.

Se olhamos para a litteratura dos outros povos, sempre vemos, mais ou menos, um certo amor pelas regras, pelos *jardins á franceza*; porém a litteratura alemã é como uma floresta virgem, como um prado coberto de hervas desconhecidas. Cada espirito parece-se com uma flor distincta pela côr e pelo perfume.

O que ha de rico e original no mundo phantastico dos alemães, deve attribuir-se á influencia immediata da natureza. O vôo do genio alemão é livre e arrebatado. Uma só coisa é commum á quasi totalidade dos escriptores germanicos; é o pouco caso que fazem da vida real, e a supremacia da contemplação interior.

Por isso mesmo diversificam tanto as idéas n'aquella região. Nos estreitos limites da vida pratica, as idéas teriam de grupar-se em um pequeno numero de partidos, que buscariam resultados simples; mas na esphera infinita da imaginação, todo o espirito original acha um terreno sem horisontes.

Os alemães procuram instinctivamente este elemento de liberdade. Os francezes servem-se das idéas para as applicar a experiencias; os alemães empregam as experiencias para deduzir d'ellas maravilhosas theorias. O francez inventa dramas ou tragedias para agradar ao espirito politico nacional; aos alemães não resta das suas acções e experiencias senão dramas ou tragedias. Os francezes teem uma lingua pobre, porém excellentes oradores; os alemães podiam fallar muito melhor, mas limitam-se a escrever: aquelles fallam porque obram, estes escrevem porque só pensam.

A actividade litteraria devora a Alemanha. A mais pequena cidade tem o seu gabinete de leitura, e a sua casa de conversação. Qualquer habitante, mediocrementemente rico, possui uma bibliotheca. Desde a arte de governar até ao modo de embalar uma creança, tudo é objecto de sciencia, e se estuda, além do Rheno. Os livros multiplicam-se com uma perseverança infatigavel; tudo ahí apparece estampado: as receitas do medico, as sentenças do juiz, os sermões do parochio, as lições do mestre-escola, e até o *pensum* do discipulo. Governa-se, cura-se, negocia-se, viaja-se, cosinha-se com um divro na mão... sem livros, a mocidade alemã estava perdida.

Este juizo mais que severo de mr. Christian sobre os alemães e a sua moderna litteratura, acha comtudo apoio em um autor nacional, Wolfgang Menzel, o mesmo que já o escriptor francez havia citado em sua defesa.

Ouçamos o critico germano:

Em todas as epocas foram os alemães menos habeis na vida pratica do que outro qualquer

povo, porém mais *indigenas* no mundo interior; todas as suas virtudes e todos os seus vícios devem attribuir-se a essa concentração intima, a essas disposições meditativas. São ellas, mais que tudo, que fazem de nós um povo litterario, e que imprimem, ao mesmo tempo, á nossa litteratura, um caracteristico singular. Os escriptos das outras nações occupam-se mais de coisas positivas, como o seu genero de vida; os nossos teem um colorido sobrenatural ou anti-natural, que não se liga com o mundo pratico, porque só temos diante dos olhos o nosso mundo interior e as suas maravilhas. Nós somos mais phantasticos do que os outros povos, não sómente porque a nossa imaginação se arremeça da vida real para um ambiente de prodigios, mas ainda porque tomamos os sonhos pela realidade. A nossa intelligencia perde-se no espaço, e somos apontados geralmente como especuladores e fabricantes de systemas. Não sabemos realisar as nossas theorias senão no campo da litteratura, e dando ao mundo das palavras uma superioridade desproporcionada com o mundo real, merecemos com razão que se nos prodigalisem os epithetos de pedantes e atormentadores de livros.

Todavia os resultados de nossas assiduas meditações, apparecem com um brilhantismo, que os estrangeiros não sabem apreciar. Nós tratamos da cultura universal do espirito, e não é de balde que lhe sacrificamos a energia, de que havíamos mister para obrar, bem como o nosso orgulho nacional. Os conhecimentos que nós adquirimos, podem tornar-se facilmente mais salutaes ao genero humano, do que certas acções, alcunhadas de grandes; e o desejo de ensinar os estrangeiros, deve honrar-nos mais do que uma victoria alcançada sobre elles.

Ha em nosso caracter nacional uma tendencia particular para o bem da humanidade; pretendemos surprehender tudo que diz respeito ao genero humano, no seu proprio centro, e adivinhar na multiplicidade infinita da vida o enygma da unidade occulta. É por isso que trabalhamos ao mesmo tempo, e com igual fervor, em todos os pontos da sciencia. Temos um gosto innato por tudo, simultaneamente; o nosso espirito aproxima as maiores distancias, quando tem avidéz de conhecer os objectos, e devassa a profundidade de todos os mysterios da natureza, da vida e da alma. Nenhuma outra nação é dotada de um espirito encyclopedico como a Alemanha, e o que não pode conseguir o esforço individual, alcança-o um trabalho colectivo: numerosos orgãos estão espalhados entre o povo, e servem para alargar os horisontes do saber.

Das opiniões, homogeneas até certo ponto, que expendem o francez e o alemão, pode concluir-se, e conclue-se que é um povo original o da antiga Germania; mas de forma alguma se acha justificado que a moderna litteratura d'além-Rhe-no seja insignificante. A *douta Alemanha*, chamam os sabios de todo o mundo áquella parte

da Europa; e outra prova da sua importancia litteraria é a maneira porque se tem generalisado o estudo d'aquelle idioma: Os seus livros não teem o brilhante colorido das obras francezas, nem a utilidade pratica dos escriptos britanicos; porém mostram o supremo esforço da intelligencia, são a arca santa da sciencia.

CHRONICAS MONASTICAS.

DA COMPANHIA DE JESUS.

III

CASA DE S. ROQUE.

Continuação.

No cabo da rua de Santa Catharina havia outro arco dedicado á gloria dos Apostolos e Martyres. Tinha quarenta e oito palmos de largo, e quarenta e quatro de alto; e sobre elle uma arvore de vinte e cinco palmos. Fundava-se sobre quatro pedestaes, cada um com duas columnas jonicas. De um lado do arco estava a porta da cidade, e do outro se fingiu pela pintura igual porta para symetria. No alto inscreveu-se a dedicação. Representava em pameis a gloria dos Apostolos, todos sentados em thronos, e tendo aos pés as quatro partes do mundo, e emblemas e tenções dos martyrios. Aquella arvore de que acima fallámos representava a arvore do martyrio: junto ao seu tronco estavam figuras de homens pondo-lhe fogo, e derrubando-a com varios instrumentos que significavam as perseguições da Igreja. Cada ramo vinha rematar nas pontas em um martyr, e no mais alto ramo ficava Santo Estevão como primeira flor d'esta arvore. Nos pedestaes estavam as estatuas e representações da *caridade*, *idolatria*, *tyrannia*, *sabedoria do mundo*, *heresia*, etc.

Passado o arco da porta de Santa Catharina, mesmo defronte do angulo da igreja do Loreto para S. Roque achava-se a estatua da *temperança*. Representavam-na segurando n'uma das mãos um freio, e com a outra indicando o caminho que a procissão tinha a seguir. Devemos aqui advertir que todas estas representações symbolicas das virtudes tinham suas poesias em latim, portuguez, e hespanhol.

No meio da rua de S. Roque, defronte do postigo da Trindade, se levantava outro arco triumphal. Era este dedicado á Santa Cruz, e á Virgem Nossa Senhora. D'este arco até ao largo de S. Roque havia uma rua de pinheiros.

O arco tinha quatro faces.

Aquella que dava de frente para o prolongamento da rua até ao Loreto era dedicada ao triumpho glorioso da Santa Cruz.

A outra que olhava para a igreja de S. Roque, á Virgem Nossa Senhora.

As duas faces lateraes estavam occupadas por duas pyramides, que tinham sete palmos de largo, e mais de cincoenta de altura. Os pedestaes d'estas pyramides eram em quadro de sete pal-

mos. Sobre elles se fundavam quatro columnas, duas a cada parte, com dezoito palmos de alto, além dos dois de moldura que tinham de emposta sobre os capiteis.

Entre os capiteis e frisos levantavam-se uns nichos, de dez palmos de alto.

Na face dedicada á Santa Cruz havia no meio do ovado do frontispicio uma cruz tendo ao pé sceptros, corôas, livros, e armas, o que significava os despojos do mundo, e suas lettras que o explicavam.

Egualmente a adornavam duas estatuas: uma de Moysés, e a outra de Jacob. Ambas similhavam bronze, e tinham escriptas as suas tenções, em versos latinos.

Em os nichos por cima dos capiteis representaram-se em vulto Constantino Magno, e D. Afonso Henriques.

Nos triangulos do arco assentavam-se dois anjos, apontando o primeiro para uma corôa, e o segundo para um sceptro.

Havia tambem pyramides n'esta face do arco, de mais de cincoenta palmos de alto, ornados os terços inferiores d'ellas com emblemas, e os pedestaes com figuras.

No remate d'uma d'estas pyramides achava-se representada a Phenix, e na outra o Pelicano.

Entre as allegorias e figuras que estavam no terço das pyramides notava-se esta de Adão em um naufragio, com a nau meio soçobrada, e a elle a nado com as ondas, e lançando mão de um madeiro em forma de cruz.

No lado do arco, dedicado á Virgem, era a traça da architectura igual ao opposto, diversificando sómente nas figuras e emblemas.

No ovado havia pintada uma imagem da Senhora, com o Menino Jesus nos braços. Ambos estavam derramando oiro, prata, e pedras preciosas ás mãos cheias; e todos esses thesouros eram recebidos pela grande copia de gente que se representava no baixo do quadro, com as mãos estendidas para a Virgem.

Aos lados do painel representaram-se a Porta de Ezequiel, e a Arca da alliança.

Tambem ali se achavam as estatuas de David, e Salomão.

Nos triangulos ficavam as figuras da pureza com um cordeirinho nos braços; e a da humildade, com um hysope na mão.

Em os nichos collocaram-se as estatuas de Ester e Judith.

Em cada terço das pyramides havia um emblema da Senhora; e nos pedestaes pintaram-se as allegorias do peccado.

No vão do arco, pela parte interior havia tambem muitas allegorias e representações, todas allusivas á dedicação.

Entre os pinheiros que acima dissemos ornarem a parte da rua desde este arco até á igreja, armaram-se palanques.

A frontaria da igreja de S. Roque estava armada de telilha de oiro e prata, e sedas de lavores, com festões de murta.

Em um nicho da mesma frontaria se accommodou um quadro do Menino Jesus, segurando na mão esquerda um globo, e com a direita em menção de deitar a benção.

Sobre a porta principal da igreja achava-se a estatua de S. Roque, em vulto, e doirada.

No terreiro havia uma cruz de cera, de vinte e cinco palmos de alto, assente sobre um Calvario que descansava n'um pedestal de dez palmos. Esta cruz tinha muita diversidade de flores, fructos e folhas de cera. Foi offerecida pelos cereeiros da cidade.

O principe cardeal Alberto assistiu de uma das janellas da frontaria da igreja de S. Roque, á entrada da procissão na mesma igreja.

Os festejos por esta trasladação duraram oito dias, e para o livro do licenciado Manuel de Campos remettemos o leitor curioso de mais especificada relação, onde encontrará tambem um thesouro de poesias todas dedicadas a este objecto.

Continua. F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

MISCELLANEA.

Á primeira vista parece não vir a bons auspicios um artigo cuja epigraphe pode significar — confusão de muitas coisas. Mas depois de se attender um momento occorre a idéa de que miscellanea, é quasi tudo que nós vemos; é o mundo em geral.

Fatiga-se o observador em achar o nexo, e a relação das coisas, em classificar-as, e o diabo da miscellanea a confundir-lhe tudo. Vejamos se isto é assim, mediante alguns exemplos.

No rez de chaussée d'uma casa mora um cutelleiro, que mais adorna as suas vidraças com agudas navalhas de mola, d'estas que se encontram nas mãos do assassino, do que com garfos e facas de uso licito e commum; e no primeiro andar habita um medico homœopatha, que, com minutissimas e milagrosas substancias, salva (diz elle) o doente, que morreria ás mãos da allopathia, se continuasse a engulir as formulas do codigo pharmaceutico.

Ora vá lá achar o nexo, ou a relação em que estão, debaixo das mesmas telhas, o cutelleiro aguçando navalhas para dar cabo da vida, e o partidario de Hahnemann receitando medicamentos para salvar da morte! Aqui, forçoso será confessar que procede, não a miscellanea simples, mas a revoltante.

Emquanto as doutrinas de Hahnemann, patriocio do historiador, e poeta Schlegel, são seguidas, a despeito das que sustentaram os Hippocrates, Galenos, e Brownes, e o apostolo da homœopathia entende que vae conquistando á morte as victimas que a medicina allopathica lhe levava, está o cutelleiro preparando instrumentos de morte violenta, quando passam ás mãos d'aquelles que lhes fazem bainhas de intestinos humanos.

Vamos ainda a outro exemplo menos repugnante.

Annuncia-se ahi um recémchegado de Paris, que tira dentes com a rapidez da electricidade, e logo em seguida do annuncio, para que não chegue ás vezes todo o costado d'um jornal politico, assevera que faz queixos inteiros, que excedem os do dragão sementeados por Cadmo rei de Thebas.

Entra-se em casa, ou melhor será dizer na vasta e cheirosa habitação d'um *coiffeur*; e nos centenaes de vidros, frascos, e boyões, lacrados com mais cuidado que um testamento, que lhe occupam os mostradores e armarios, diz elle, que estão os cremes da Persia e dos Alpes, que renovam a pelle velha, aformoseiam a feia cara, tiram, põem, encaracolam, aloiram, e azevicham os cabellos.

Passando d'aquellas composições já feitas, para os improvisos manuaes, reduz elle uma cabeça (por fora, já se sabé) á condição dos que habitam os hospitaes de *Hanwel*, e *Maréville*, na Inglaterra e França, ou mesmo cá em Rilhafolles, nos parques minutos em que nivela outra aos respeitaveis rolos da cabelleira do marquez de Pombal.

E não será tudo isto uma verdadeira miscellanea? Pois se o é escreveremos n'este gosto, não improprio do Panorama, visto significar a palavra uma perspectiva circular.

E porque havemos de começar? Seja por versos, mas d'estes que não levem muito tempo a ler.

A VENTURA JÁ PERDIDA.

Harpa divina de Homero,
Tu de Apollo protegida,
Empresta-me sons que exprimam
A ventura já perdida.

Mas não! de Byron invoco
Musa forte e destemida,
Pois voz de ferro só canta
A ventura já perdida.

Não pode a sonora lyra,
Por amor ao ceo erguida,
Desferir nas cordas de oiro
A ventura já perdida.

Se a perda do bem é golpe
Da sorte mais desabrida,
Se é carpir dos desgraçados
A ventura já perdida.

Não mais oh musa! emmudece!
Pois não pode a voz da vida
Cantar o que excede a morte,
A ventura já perdida.

EFFEITOS DA SIMILHANÇA.

Quando hoje vi um joven
Como tu, da tua idade,
Aguçaram-se os espinhos
Da minha eterna saúdade.

Chorei por aquellas horas
Que contigo fui feliz,
Como foram venturosas
Riscal-as o fado quiz.

Aquelle fado iracundo
Que horrorisada esconjuro,
Porque a luz da minha esperança
Apagou-m'a no futuro.

Os laços que amor ligava
Puros de crime, e de erro,
Cortou-m'os aquelle monstro
Com a dura mão de ferro.

E como se não bastasse
Pena que nunca me esquece,
Veiu o barbaro mostrar-me
Quem contigo se parece!

A UM ANNIVERSARIO NATALICIO.

Hoje as tres Graças, curvando
Ante Jove o niveo collo,
Desprenderam voz ceeste
Ao som da lyra d'Apollo.

Pediram bens infinitos.
Aos altos deuses soberanos.
Qu'espalharam, entre flores,
Sobre o dia dos teus annos.

Nos altares da Ventura
Se elevou aureo lettreiro,
E os anjos proclamaram
=Vint'e cinco de Fev'reiro.=

ESCRIPTO N'UM ALBUM.

Tu queres que a minha musa,
Tão pobre de inspirações,
Escreva aonde se escrevem
Centenaes d'illusões?

Eu idolatro a verdade;
E se ella é que me inspira,
Não sei dispôr d'essas galas
Com' que se adorna a mentira.

Quantas vezes um poeta
Vae recamar de belleza
Aquelle, que tão escaços
Dons lhe deu a natureza!

Pinta-lhe uns olhos de Venus,
Uns cabellos de setim,
Uns dentes como o aljofar,
E nada d'isto é assim.

D'estas ficções nada sei,
Por mais que attento as estude,
Não te illudas, não as creias,
A belleza é a virtude.

C.

Aos despotas nunca faltam mandarins, que sejam vis executores de seus decretos.